

Texto complementar de formação geral do ENADE

Prof. Dr. Gevson Silva Andrade

Vida urbana e vida rural

Historicamente, as análises que buscam estabelecer uma diferença entre o rural e o urbano, bem como a relação campo-cidade vêm sendo elaboradas com o fim de desvendar as nuances que fazem das características mais marcantes desses espaços um viés para o entendimento de função e papel frente aos arranjos organizacionais da sociedade, assim corrobora-se com o exposto por Gomes 2014, quando a autora nos chama atenção que:

nessa perspectiva que o urbano e o rural se configuram nas formas construídas pelo homem e animadas pelo processos que geridos entre os grupos e classes sociais entre eles e para com o meio. Essa apreensão implica em arranjos e organizações de elementos, segundo critérios culturais e filtros psicológicos e emocionais próprio. (GOMES, 2014, p.36-37)

Antes de adentrar no debate que dimensiona o modo de vida rural e urbano, cabe uma reflexão acerca do que é a cidade e o que é o campo, assim cabe ressaltar o pensamento de Henri Lefebvre

À distinção entre cidade e campo vinculam-se as oposições destinadas a se dissolverem: trabalho material e trabalho intelectual, produção e comércio, agricultura e indústria. Oposições inicialmente complementares, virtualmente contraditórias, depois conflituosas. Ao campo correspondem formas de propriedade fundiária (imobiliária) tribais e mais tarde feudais. À cidade correspondem outras formas de propriedade: mobiliária (no começo pouco distinta da imobiliária), corporativa, mais tarde capitalista. No curso dessa pré-história reúnem-se os elementos e as formas que farão a história ao se separarem, ao se combaterem. (LEFEBVRE, 2004, p.42)

Desta maneira, corroborando com o exposto, acabamos caindo na armadilha de analisar a diferenciação campo cidade de forma a colocar essas duas formas espaciais como sendo uma oposição, e isso é ratificado principalmente pela grande quantidade de pesquisas que visam descrever a cidade enquanto forma e função, já a análise do campo, as pesquisas ficam quase que exclusivamente para buscar entender a função.

Assim cabe afirmar que a cidade é um recorte espacial contraditório na sua essência, portando incrementos de inovação técnica e tecnológica, e criando, igualmente registros e marcas que representam ou dão sustentação à memória coletiva de seus formadores. Dentre as diversas conceituações na busca de se definir o que é a cidade, cabe realçar o excerto extraído da obra de Carlos 1994, abrangendo diferentes contribuições e linhas de pensamento, assim ilustrando:

...para Ratzel, uma Cidade é uma reunião durável de homens e habitações humanas que cobre uma grande superfície e se encontra no cruzamento de grandes vias comerciais. Já para Wagner, as cidades serão pontos de

concentração do comércio humano [...] para Pierre George¹ as cidades são formas de acumulação humana e de atividades concentradas, próprias a cada sistema econômico e social (CARLOS, 1994, P.67-68).

A essas definições, é relevante o acréscimo de mais outra ideia oriunda das reflexões de Manuel Correia de Andrade.

uma cidade não é apenas uma área onde existe um aglomerado de habitantes e de pessoas, nem vive apenas em função dos contingentes populacionais que nela habitam, trabalham, estudam e se divertem. Uma cidade é, sobretudo, um centro de relações de pessoas de outras áreas – do campo e de outras cidades – e que vem para ela a fim de adquirir bens expostos à comercialização e usar serviços que nela são fornecidos. Há em cada cidade um relacionamento externo entre os seus habitantes e as pessoas que procuram para negócios ou utilização de serviços (ANDRADE, 1987, p. 309)

Após buscar construir uma ideia básica do que é a cidade, cabe uma reflexão que busque descrever o que é, ou o que representa a ideia de campo, para que não fiquemos na ideia de que o campo é aquilo que não é a cidade. Desta maneira, pode-se entender que

O espaço rural constitui, e sobretudo constituía em primeiro lugar, os domínios das atividades agrícolas e pastoris. Todavia, as atividades agrícolas e a pecuária que, em escala mundial, ocupam a maior parte do espaço rural, não excluem outras formas de utilização das superfícies. (DOLLFUS, 1982, p.70)

Como pode-se observar no excerto anterior, a ideia de mundo rural, está vinculada a ideia da produção em escala agropastoris, pois a sua execução se contrapõe aos processos espaciais desenvolvidos na cidade, logo poderíamos corroborar com outros pensamentos, vinculados principalmente ao censo comum no qual coloca a cidade em contraposição a cidade na qual o campo é considerado o lugar do bucólico e do atrasado, essa visão do campo quanto lugar do arcaico também é aflora em textos acadêmicos, como no trecho a seguir:

O campo passou a ser associado a uma forma natural de vida, de paz, inocência e virtudes simples. À cidade associou-se a ideia de centro de realizações de saber, comunicação e luz. Também se constelaram poderosas associações negativas; a cidade como lugar de barulho, mundanidade e ambição; o campo como lugar de atraso, ignorância e limitação. (WILLIAN, 1980, apud, ANDRADE & CABRAL, 2014, p. 81).

Assim, essas ideias do campo como o lugar do atraso perdurou por muito tempo, porém, ao nos depararmos com uma análise mais crítica essa dicotomia entre campo e cidade; e entre rural e urbano se dilui, como já observado por Henri Lefebvre nos fins dos anos 60 do século xx, no qual ao buscar entender a produção e a reprodução do espaço a partir de uma análise dialética, principalmente ao se observar os processos de modernização do campo em especial. Desta maneira, Lefebvre identificou que

Os mais conhecidos dentre os elementos do sistema urbano de objetos são a água, a eletricidade, o gás (butano nos campos) que não deixam de se fazer acompanhar pelo carro, pela televisão, pelos utensílios de plástico, pelo mobiliário ‘moderno’ o que comporta novas exigências no que diz respeito aos ‘serviços’. Entre os elementos do sistema de valores, indicamos os

¹ Grifos nossos.

lazer ao modo urbano (danças, canções), os costumes, a rápida ação das modas que vêm da cidade. E também as preocupações com a segurança, as exigências de uma previsão referente ao futuro, em suma uma racionalidade divulgada pela cidade. Geralmente a juventude, grupo etário, contribui ativamente para essa rápida assimilação das coisas e representações oriundas da cidade. (LEFEBVRE, 1969, apud ENDLICH, 2006, p.21)

Assim observando, essas novas nuances que eram características predominantemente urbanas são incorporadas a paisagem rural, levando a uma reflexão acerca dos novos modos de vida no campo, que passa a incorporar de forma cada vez mais veloz costumes e valores anteriormente vinculados apenas ao modo de vida urbana, conforme aponta Endlich.

É preciso problematizar acerca dessas novas atividades desenvolvidas no campo, entendidas como o novo rural. A proposta de volta ao campo e revalorização da natureza são valores rurais? Esse retorno ocorre de uma perspectiva urbana. Ele só é aceitável, por parte da sociedade, tendo em vista o conforto, a acessibilidade o vínculo com a cidade e com a mídia que veicula valores urbanos. (ENDLICH, 2006, p.29).

Evidencia-se assim, que na atualidade existe uma imbricação cada vez mais forte entre os modos de vida rural e urbano, tomando de empréstimo os questionamentos apresentados pela autora observa-se que o ritmo acelerado da sociedade moderna, principalmente pela artificialização da vida, na qual as próteses tecnológicas ampliam a velocidade de recebimento, processamento e absorção informações leva a uma necessidade de se repensar os vínculos entre a sociedade e a natureza. Assim, a natureza que durante um tempo ficou relegada ao pano de fundo da existência moderna, passa a ser um elemento a ser considerado e valorizado, assim o verde se torna uma mercadoria para as cidades, na mesma forma que a tecnologia de informação é incorporada as atividades rurais.

Nesse sentido, cada vez mais nos é informado por todos os veículos de informação que o processo de modernização das atividades rurais é um processo essencial para a manutenção da produção de commodities e alimentos exatamente nessa ordem, bem como é reverberado o pensamento da necessidade de uma vida mais saudável nas cidades com a proliferação de hortas urbanas, para citar mais um exemplo além do principal, que é o verde como um elemento que irá dar um sobre valor de uso aos espaços urbanos.

Referências:

- ANDRADE, Manoel C. de O., **Espaço, Polarização e Desenvolvimento: uma introdução à economia regional**. São Paulo: Atlas, 1987. 127p.
- ANDRADE, Ana Karina N. de & CABRAL, Gabriela M. **O idílico rural na escolha do lugar em Aldeia, Camaragibe/PE**. In: ZERBONE, Mariana A. A. & MACHADO, Maria Rita I. de M., O rural e o Urbano na Região Metropolitana do Recife. Recife, Editora Universitária da Universidade da UFRPE, 2014 p. 75-86.
- CARLOS, Ana Fani Alessandri., **A Cidade**. São Paulo: Contexto, 1994.
- DOLLFUS, Olivier, **O espaço Geográfico**. São Paulo: DIFEL, 1982.
- ENDLICH, Ângela Maria, Perspectivas sobre o urbano o Rural. In SPÓSITO, Maria E. B., WHITACKER, Artur M.(Org.) Cidade e Campo: relações e contradições entre urbano e rural. São Paulo: Expressão Popular, 2006
- GOMES, Edvânia T. A., **Rural e o urbano em um mundo do capital no qual cada vez mais a exceção é a regra – Alguns itens relevantes à luz da Região metropolitana do Recife**. In: ZERBONE, Mariana A. A. & MACHADO, Maria Rita I. de M., O rural e o Urbano na Região Metropolitana do Recife. Recife, Editora Universitária da Universidade da UFRPE, 2014 p.14-60.
- LEFEBVRE, Henri, A revolução Urbana. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2004.